



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JUSTINO NUNES DO NASCIMENTO

**LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE
HISTÓRIA: O CORDEL DE CUÍCA DE SANTO AMARO**

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2017

JUSTINO NUNES DO NASCIMENTO

**LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE
HISTÓRIA: O CORDEL DE CUÍCA DE SANTO AMARO**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV* – Conceição do Coité-BA, como pré-requisito para obtenção do título de Graduação em Licenciatura em História.

Professora orientadora: Ma. Maria Aurélia Sarmiento

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2017

JUSTINO NUNES DO NASCIMENTO

LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE
HISTÓRIA: O CORDEL DE CUÍCA DE SANTO AMARO

Monografia apresentada ao Colegiado do
Curso de Licenciatura em História da
Universidade do Estado da Bahia –
Campus XIV – Conceição do Coité-BA,
como pré-requisito para obtenção do título
de Graduação em Licenciatura em
História.

Aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Maria Aurélia Sarmento
Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*
(Orientadora)

Prof. Me. Antônio Vilas Boas
Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Prof.^a Ma. Adriana Silva Teles Boudoux
Universidade do Estado da Bahia – *Campus XVI*

DEDICATÓRIA

Essa vitória é tão grande,
Que em primeiro lugar,
Dedico a minha família,
E ainda vou partilhar,
Com todos que no caminho,
Não me deixaram sozinho,
E me ajudaram chegar.

É pena, que só agora,
Foi que eu vim conseguir,
Quando o Governo perverso,
Chegou para destruir,
Mas, deixo aqui registrado,
Jesus, meu muito obrigado!
Foi graduado um Gari.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é o ato de reconhecimento das nossas limitações, e o quanto nos tornamos fortes quando não estamos sozinhos. Portanto começo agradecendo ao nosso Deus, ele que dia e noite me dá companhia e proteção. Entrei na Universidade colocando essa força superior “no início, sabendo que ele cuidaria do final”.

Depois agradeço a minha família, ao começar pelos meus pais que perdi na minha infância; não tenho dúvidas o quanto eles, que não conseguiram alfabetizar os filhos, gostariam de festejar conosco esse momento. Mas como diz Fernando Pessoa “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. Assim externo meus agradecimentos a todos os demais da minha família, aos meus irmãos (as) pelo incentivo, a minha madrasta pela alegria que escapa dos seus olhos, aos meus filhos pela paciência e, sobretudo a ajuda nos momentos de dificuldades, e um agradecimento mais que especial a minha esposa **Gilmara**, por toda a sua dedicação, incentivo e apoio.

Tenho consciência que antes de conhecermos a Universidade, trilhamos outros caminhos nos quais cruzamos com diversos personagens que se tornam parte da nossa História. Portanto, por questão de justiça quero dedicar essa vitória à professora Jussara Secundino, ela que aos meus 30 anos de vida teve a generosidade de mostra-me o caminho para a minha alfabetização legalmente falando. Digo “legalmente falando” porque não posso esquecer que aos meus cinco anos de idade a minha amada e inesquecível mãe **Maria José Nunes** seguravam a minha mão para cobrir as primeiras letras do alfabeto; além de D. Maria de Lourdes, (Dinha), que já aos meus dez anos se dedicou de forma voluntária a ajudar umas crianças escrever o nome através de uma cartilha. Lembro que eu também estava lá. Ainda não devo esquecer aqui a professora Maria Aparecida Cezar, (Cida), a qual foi minha professora de História no ensino médio. Sou grato por entender a tudo isso contribuiu para a minha trajetória acadêmica é Nessas duas grandes pessoas que eu quero agradecer a todas (os) que em algum momento das suas vidas se utilizaram do conhecimento adquirido para me ajudar enxergar o mundo com outro olhar. Vocês são parte da minha História de vida.

Ainda quero agradecer a todo corpo de diretores e educadores da Universidade; após os meus 45 anos de vida vocês me ajudaram entender que um Gari pode ser universitário. Aos estudantes que dividiram o espaço comigo fica a certeza; começamos colegas e terminamos amigos. Na pessoa de Lívia, ou simplesmente (**Livinha**), como é carinhosamente chamada por todos nós, a qual muitas das vezes sentir está mais preocupada comigo do que com ela própria eu agradeço a cada um, pela parceria, a generosidade, o ombro amigo e até as lágrimas compartilhadas. Levo vocês no coração como presente para toda a minha vida.

Em fim, quero agradecer a cada um individualmente e a todos de forma coletiva, com vocês e por vocês as dificuldades que não foram resolvidas foram no mínimo amenizadas. Enquanto isso, na estrada da vida eu sigo dizendo “amem povo de Deus”!

NA ESTRADA DA VIDA UNIVERSITÁRIA

Para ingressar na UNEB,
Foi coisa revolucionária,
Porém encontrei pessoas,
Daquelas mais solidárias,
E com a força de Cristo,
Posso escrever um capítulo,
De uma vida Universitária.

Jamais será esquecido,
Quem fez comigo o trajeto,
Pois com vocês a vitória,
Eu sei que ficou mais perto,
Valeu a nossa coragem,
Pois vejo que na passagem,
Deixamos caminho aberto.

Lembro os meus colegas,
Que eu vi se matricular,
Mas por motivos diversos,
Tiveram que se ausentar,
Os considero guerreiros,
Mesmo saindo primeiro,
Marcando ali o seu lugar.

Vi os docentes sofrendo,
Para cumprir calendário,
A todos eu agradeço,
E sem fazer comentário,
Entendo que educação,
Não envolve só vocação,
Envolve também salários.

Os dirigentes da UNEB,
São dignos de elogios,
Pois não é fácil está à frente,
Das coisas desse Brasil,
E mesmo não é de hoje,
Que o nosso Campus XIV,
Também tem seus desafios

Porém eu deixo Coité,
Agradecendo a Jesus,
Pretendo contribuir,
Um pouco com Santaluz,
Eu não fiz nada sozinho,
Pró Ju abriu meu caminho,
E Deus é quem me conduz.

Pró Jussara e Raimunda,
Maria Helena e pró Cida,
Pessoas, iguais a Flavio,
Jamais serão esquecidas,
Pois me ajudaram lutar,
Para poder conquistar,
Mais um diploma na vida.

Agora eu faço uma pausa,
Pois acho que já convém,
Mas se Jesus permitir,
Depois eu vou mais além,
Por essa estrada da vida,
Com paz e cabeça erguida,
Eu sigo dizendo, amem...

Justino Nunes

O pequeno poeta

(JUSTO)

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Paulo Freire

RESUMO

A literatura de cordel tem contribuído com a ampliação do conhecimento histórico através de uma linguagem prática e atraente, que se faz entender entre suas rimas. É com base nessa arte literária que este trabalho objetivou analisar o cordel enquanto uma ferramenta aliada ao contexto histórico, como facilitador do trabalho do professor (a) e do aprendizado dos alunos (as) nas aulas de História. Utilizando para tanto obras do poeta baiano, José Gomes (Cuíca de Santo Amaro), os *Embromadores do povo*, *A retumbante vitória de Jânio Quadros* e *a Posse de Jango Goulart*. A presente pesquisa possui uma abordagem feita a partir do método da pesquisa bibliográfica com enfoque descritivo englobando coleta de dados através de leitura de publicações que fazem referência ao tema dentre os quais se destacam Os Parâmetros curriculares nacionais de História (1998), Carneiro (2013), Chartier (2001), Pesavento (2000, 2003), Oliveira, (2010), Cerri (2011), Bittencourt (2004), Burke (1929), entre outros. A análise voltada para o ensino de História na sala de aula, levou em conta ser esse, um espaço em constante alteração em busca de tornar-se mais dinâmico, buscando aproximação com cotidiano. A partir da pesquisa constatamos a real possibilidade de trabalhar o cordel na sala de aula dinamizando a proposta de ensino-aprendizagem, criando um ambiente de diálogo entre literatura, história e outras artes.

Palavras-chave: Ensino de História. Recurso Didático. Literatura de Cordel. Cuíca de Santo Amaro.

ABSTRACT

Cordel literature has contributed to the expansion of historical knowledge through a practical and attractive language, which is understood between its rhymes. It is on the basis of this literary art that this work aimed to analyze the string as a tool allied to the historical context, as a facilitator of the teacher's work and the students' learning in History classes. Using the works of the poet from Bahia, José Gomes (Cuíca de Santo Amaro), the people's smugglers, the resounding victory of Janio Quadros and the Possession of Jango Goulart. The analysis focused on the teaching of History in the classroom, took into account this, a space in constant change in search of becoming more dynamic, seeking approximation with daily life. Based on the research, we verified the real possibility of working the string in the classroom dynamizing the teaching-learning proposal, creating an environment of dialogue between literature, history and other arts.

Key-words: Teaching of history. Teaching resources. Literature of twine. Cuíca de Santo Amaro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - LITERATURA DE CORDEL: A ARTE DE CONTAR, CONTESTAR E APRENDER.....	15
1.1 - VIDA E OBRA DE CUÍCA DE SANTO AMARO.....	18
1.2. - LITERATURA DE CORDEL: DIALOGANDO COM A HISTÓRIA.....	24
CAPITULO II - LITERATURA DE CORDEL E ENSINO DE HISTÓRIA.....	26
2.1- DO POETA AO PROFESSOR: CORDEL E CONTEÚDO DIDÁTICO.....	31
2.2 - EXPLIQUE, MAS NÃO COMPLIQUE: CORDEL, INOVAR É PRECISO.....	35
CAPITULO III - A VOZ AUTÊNTICA DO POETA NA COMPREENSÃO DO CONTEXTO DA POLÍTICA PARTIDÁRIA EM SALA DE AULA.....	39
3.1 HISTÓRIA: ENTRE AS CAUSAS QUE OPRIMEM E À LÍNGUA FERINA DO POETA.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se inclui nas discussões acerca das práticas educativas no ensino de História, a partir do currículo da disciplina, contido nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais). Esta pesquisa teve seu começo ainda no início da graduação, motivada pelo meu desejo de estudar a temática do Cordel, já que sou cordelista e mantenho íntimo contato com os folhetos de cordel. Fato que contribuiu para a análise dessa fonte literária enquanto uma ferramenta possível para o ensino-aprendizagem nas aulas de História.

Desde o início do século XX a escrita da História vem passando por inúmeras alterações em seus métodos que possibilitam um maior conhecimento do passado, por meio da análise de novos tipos de fontes de pesquisa. Novas tendências da historiografia surgiram a partir Escola dos Annales (corrente historiográfica que defende a ampliação das fontes históricas, redefine a compreensão sobre tempo histórico e aproxima a história das demais ciências), possibilitando assim diversificar o universo de fontes, bem como ampliar o conhecimento sobre os diversos sujeitos históricos. Tais mudanças ocorreram também no ensino de História. Nesse contexto, pode-se inserir a literatura de cordel no processo de construção do conhecimento histórico.

Segundo Santos (2012), a literatura de cordel foi trazida pelos colonizadores para o Nordeste brasileiro no final do século XIX e se espalhou pelo Brasil, graças às correntes migratórias de nordestinos, em meados do século XX. O que podemos observar é que, nessa trajetória os folhetos de cordéis têm tido entre as suas finalidades, a de instrumentos de comunicação, na divulgação dos acontecimentos que se relacionam com as mais diversas áreas e aspectos de vida do povo. O autor observa que, o termo “cordel” está intimamente relacionado com a forma como essas obras eram expostas, penduradas muitas vezes em cordões nas feiras livres para serem comercializadas pelos seus escritores.

Dessa forma, o cordel por retratar o cotidiano, com linguagem popular, permite trazer a informação histórica de uma maneira mais leve e prazerosa, como afirma Oliveira (2010), o poeta de cordel escrevia o que se passava sobre um dado período e lugar, suas narrativas curtas e de grande carga oral facilitavam a memorização. Além disso, nos permite conhecer a história de sujeitos comuns, que na maioria das vezes não aparecem nos livros didáticos.

Para Silva (2007), na sala de aula, o professor pode selecionar os textos de cordéis para apresentação, principalmente os mais engraçados, conhecidos como folhetos de gracejos. Também podem ser levados folhetos que narrem fatos históricos, sociais e biográficos.

A relação da arte literária em seus vários gêneros com o meio social e cultural é importante para que o aluno, no momento de interpretar, possa realizar uma análise contextualizada, até mais reflexiva, sem deixar que o aluno tome o contexto como mais relevante que o texto literário. (SILVA, 2007, p. 20).

Na recente e diversificada produção acadêmica acerca da literatura de cordel, Farias & Alves (2009), observam que ainda são raros os estudos que se debruçam sobre folhetos com temáticas científicas. Alguns autores indicam que cordéis são essencialmente informativos e conteudistas, cobrindo temas até então reservados à escola, o que amplia a possibilidade da utilização do gênero.

Abreu (2004, p. 199) destaca que o cordel “tem colocado homens e mulheres pobres na posição de autores, leitores, editores e críticos de composições poéticas [...] os poetas ainda se preocupam em esclarecer nos seus textos a temática em que a História está inserida”. Nesta perspectiva escolhemos dialogar com a produção de Cuíca de Santo Amaro um dos mais afamados cordelistas da Bahia, que em suas obras vincula informações sobre os contextos político, econômico e social do Brasil na aurora da década de 1960.

Além de se tratar de uma figura popular, como afirma Edilene Matos, “ao lado dos literatos, há os trovadores. O mais popular é Ele, o Tal, Cuíca de Santo Amaro, como assina os seus livretos de trovas, talvez o último cantor de uma estirpe que há mais de vinte anos floresceu na Bahia”. (MATOS, 1998, p. 13).

Os folhetos de cordel são uma fonte rica que pode proporcionar ao professor, alternativas didáticas para o ensino. Neste trabalho, discutiremos a utilização de folhetos de cordel no ensino de História, com ênfase nas obras de Cuíca de Santa Amaro, “*Os embromadores do povo*”, “*Retumbante vitória de Jânio Quadros*” e “*A posse de João Goulart*”. Os títulos foram selecionados devido ao fato das obras citadas veicularem informações importantes acerca de pontos cruciais da história brasileira em diversos aspectos vividos no país na década de 1960, analisando os contextos político, econômico e social.

O interesse aqui é analisar essas obras a partir da perspectiva trazida por Sinara Carneiro de Oliveira (2010, p. 6). Para a referida autora,

A literatura popular em verso - escrita num dado período e lugar sobre os mais diversos assuntos, acaba por registrar acontecimentos, fatos, crenças, eventos sociais, políticos e econômicos de uma época. Acreditando que nela contém poesia, história e ficção, mas que trazem elementos que revelam sua contemporaneidade, possibilitando leituras do contexto em que estão inseridas. (OLIVEIRA, 2010, p. 6).

Buscamos trilhar também por esse viés, analisando o gênero (cordel), na perspectiva de que, a partir do seu contexto venha ser extraído o que de melhor possa-se utilizar nas aulas de História.

A presente pesquisa possui uma abordagem feita a partir do método da pesquisa bibliográfica com enfoque descritivo englobando coleta de dados através de leitura de publicações que fazem referência ao tema dentre os quais se destacam Os Parâmetros curriculares nacionais de História (1998), Carneiro (2013). Chartier (2001), Pesavento (2000, 2003), Oliveira, (2010), Cerri (2011), Bittencourt (2004), Burke (1929), entre outros.

O presente trabalho divide-se em três capítulos, dos quais o primeiro faz algumas considerações sobre o uso da literatura como fonte histórica, apresenta a literatura de cordel, ainda nesse capítulo apresentamos algo relacionado à vida e produções de Cuíca de Santo Amaro, autor cujas obras alicerçaram a pesquisa. O Segundo capítulo permeia pelas relações existentes entre a literatura de cordel e as aulas de história, com ênfase no cordel como gênero literário popular e descritivo que apresenta cunho sociopolítico e histórico. No terceiro, trabalha-se a análise histórica por meio da literatura de cordel com ênfase nos fatores da década de 60 descritos por Cuíca em suas obras.

Vale aqui reafirmar que esta pesquisa é fruto também de uma motivação pessoal, levando em conta a minha trajetória enquanto cordelista. A mais de uma década escrevo e analiso a literatura de cordel como sendo essa uma possibilidade de levar o conhecimento de forma prática e dinâmica, sobretudo para uma população carente de informações e muitas vezes desinteressada pelas formas como essas lhes chegam através da grande imprensa. Por testemunhar o quanto é grande a empolgação das pessoas ao conhecer a história a partir da arte literária é que me dedico a refletir o cordel como sendo uma linguagem possível para o conhecimento histórico.

Como nos afirma Matos (1998), ao referir-se aos meios de comunicações responsáveis por disseminar informações, “a literatura de cordel atuava como jornal do povo”, e faz referência ao poeta baiano Cuíca de Santo Amaro, que tem as suas

obras estudadas e analisadas nessa pesquisa, como uma dessas vozes atuantes. Que, a nosso ver, pode contribuir no processo para a transmissão de conhecimento histórico dentro da sala de aula.

1. CAPÍTULO - LITERATURA DE CORDEL: A ARTE DE CONTAR, CONTESTAR E APRENDER.

Como nos mostra Burke (1997), desde os tempos de Heródoto e Tucídides, a história tem sido escrita sob uma variada forma de gêneros: crônica monástica, memória política, tratados de antiquários, e assim por diante. A forma dominante, porém, tem sido a narrativa dos acontecimentos políticos e militares.

Burke (1997) afirma que a história se limitava a guerras e à política, mas preocupava-se com as leis e o comércio, a moral e os “costumes”, para contrapor este cenário surgiu o movimento dos Annales, que em sua primeira geração, contou com dois líderes Lucien Febvre, um especialista no século XVI, e o medievalista Marc Bloch.

Esse movimento pode ser dividido em três fases. Em sua primeira fase, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, na segunda se aproxima de uma “escola”, com conceitos diferentes e novos métodos e a terceira é profundamente marcada pela fragmentação (BURKE, 1992).

Percebe-se então que a ideia deste movimento apresenta uma História bem mais vasta do que a que era praticada anteriormente, buscado abranger outros aspectos possíveis da vida humana.

Nos anos 60 e 70 do século XX, segundo Pasavento (2003, p. 32), a Literatura se definia como engajada e militante, portadora de um compromisso definido com o social, cabendo também à História um perfil crítico e politicamente correto, na sua missão de denúncia das injustiças sociais. Ambas, mesmo constituindo-se em campos diferentes do saber, se colocavam a serviço de uma causa.

Visto desta forma, o cordel é uma variante folclórica-popular da História e da política brasileira, e segundo Curran (2001) o cordel atua como crônica poética e história popular levando em conta a voz acadêmica do passado.

Para Magalhães (2015), nas últimas décadas, após um período de trevas, o Cordel ressurgiu como uma ferramenta potente e eficaz na aquisição de conhecimento e, por isso mesmo, virou tema de muitas pesquisas por parte de universidades e a cada dia que passa é mais bem vista e bem recebida pelos professores de escolas para públicos diversos.

Em certo sentido, cada História que faz parte da crônica do Cordel é ao mesmo tempo uma reportagem do evento, uma reação a ele, um julgamento e um comentário. O que resultava era, muitas vezes, um relato gostoso, revelador de uma geração e de sua reação à mudança. (CURRAN, 2001, p. 48).

Como afirma Santos (2012), ao mesmo tempo em que representa uma literatura, o cordel informa sobre acontecimentos da época; nesse sentido, o folheto de cordel se transforma em uma rica fonte de pesquisa para a História. Outro pioneiro no estudo sobre cordel é o professor Gilmário Brito. Recentemente divulgou artigo específico sobre folhetos de Rodolfo Coelho de Cavalcante abordando questões de cunho político e religioso. Brito, (2013). Para esse autor,

O poeta ao transformar o que ler, ouve, percebe de acordo com sua experiência, as transforma em narrativas poéticas, as imprime em folhetos e os transforma em meio de comunicação para transmitir informações e notícias originais de várias fontes para serem adquiridas por outros grupos de comunicadores. (BRITO, 2013 p. 01).

Para Pasavento (2000), as relações que se estabelecem entre a História e a Literatura, são modalidades de um exercício imaginário de reconstrução do mundo. A História não é só fato, é também a emoção, o sentimento e os pensamentos dos que viveram a parte mais difícil de captar dos negócios humanos, os sentimentos, as especulações, os pensamentos do povo, suas aspirações são uma coisa que nunca se repetirá e interessa o historiador tanto quanto os fatos materiais.

Para Pasavento:

[...] Se o historiador estiver preocupado com datas, fatos, nomes de um acontecido, ou se buscar a confirmação dos acontecimentos do passado, a literatura não será a melhor fonte a ser usada... Mas, se o historiador estiver interessado em resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, as razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo, a Literatura se torna uma fonte muito especial para o seu trabalho (PESAVENTO, 2003, p.39).

O cordelista, sem tencionar fazer o trabalho do historiador, capta também a história e a transforma em narrativas poéticas. A partir da história do cotidiano produz sua literatura, possibilitando um espaço de leituras para produção de outros conhecimentos, como propõe os PCN de História do Fundamental I (1998), que afirma que as questões atuais sensibilizem os alunos para o estudo do passado. Conhecendo outras realidades temporais e espaciais os alunos podem dimensionar a sua inserção e adesão a grupos sociais diversificados.

As produções literárias analisadas neste trabalho se entrelaçam com a História, entrecruzando o real e o imaginário e representando o cenário político e

social. Nesse sentido, adotamos para a compreensão da literatura o conceito de representação tecido por Roger Chartier. O estudioso afirma que as representações não são somente produtos, mas são também produtoras de realidades (CHARTIER, 1990).

Chartier (1990) nos mostrou que a literatura é uma importante fonte para o trabalho do historiador, não somente porque informa sobre o período histórico em que foi escrita ou sobre o qual tematiza, mas, por produzir, e ser ela própria, uma representação sobre o período.

Para Chartier (1990) a literatura, como objeto cultural, é geradora de representações, como também a História, e tais representações da literatura são importantes fontes para os historiadores, mas tanto a Literatura quanto a História partem do real como referente, ou seja, ambos se valem do real na construção de textos. Apesar disso, Literatura e História não são um mesmo campo do saber, posto que o comprometimento com a ficcionalização da vida é que vai diferenciar a escrita literária da histórica.

Segundo Pesavento (2003), a escrita histórica, muito embora possa recorrer aos artifícios que compõem uma escrita literária, tais como, a narrativa, a subjetividade, a utilização de personagens, o enredo, o tempo, o espaço, etc., se diferencia dela na medida em que a história tem o compromisso com a crítica das fontes e do conhecimento produzido, além disso, utiliza métodos de investigação específicos.

Não devemos encarar a literatura apenas como fonte a ser interrogada pelo historiador, mas também como possível interlocutora dos historiadores. O historiador que se propõe a trabalhar com a literatura deve, assim como afirma Chartier (1990), observar os pormenores que compõem a obra e também todo o seu contexto de sua produção, divulgação e circulação.

É importante também observar as peculiaridades da utilização da literatura como recurso para construção do conhecimento histórico dentro da sala de aula. Como ressalta Silva (2007), é necessário reconhecer que, mesmo lidando com uma fonte literária, não podemos prescindir das críticas, tensões, modo de ver e sentir o mundo.

A Literatura e a História correspondem a narrativas explicáveis do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música. (PESAVENTO, 2006, p.3).

Observemos que é através desse vasto campo de possibilidade que o professor pode dialogar com os mais diversos tipos de linguagens. Assim como sabemos que o docente deve recorrer a diversos recursos para construir sua aula, promovendo o mergulho nos fatos do cotidiano para construir conhecimento.

Essa importante função Curran (2001) atribuiu também à literatura de cordel, sugerindo que fragmentos da História mundial e do Brasil, bem como os acontecimentos locais marcantes, podem se tornar acessíveis a seguimentos da população, graças a literatura de Cordel. Nessa perspectiva voltamos ao que observa Brito (2013), que afirma que os encontros entre poetas e leitores tanto são sinônimos de entretenimento e diversão quanto momentos de socialização e discussão sobre relações e tensões vivenciadas.

O movimento da história-vista-de-baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre seu próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais. (BURKE, 1992, p.20).

Vale ressaltar que, apesar de Magalhães (2015) fazer referência à visibilidade acadêmica conferida ao cordel nas últimas décadas, antes deixa claro o seu período de trevas. Mencionando assim as dificuldades dos seus defensores em assegurar a esse gênero literário o respaldo de multiplicador do conhecimento. Lembrando que para a construção dos poemas populares, na maioria das vezes os seus autores recorrem aos fatos reais, permitindo dessa forma que os seus trabalhos posteriormente tornem-se fontes para transmissão de conhecimento histórico.

Nascida do povo e por ela realizada, a Literatura de Cordel corresponde às necessidades de informações, comentários, crítica da sociedade e poesia do mesmo povo que a concebe e a consome. É ao mesmo tempo, o noticiário dos fatos mais importantes que ocorrem no mundo, no país, no estado, na cidade, no bairro, e sua interpretação do ponto de vista popular. Como também é a crítica por vezes contundente e a visão poética do universo e dos acontecimentos. (ANTOLOGIA BAIANA DE LITERATURA DE CORDEL, SALVADOR, 1997, p. 15).

As manifestações dos poetas deste gênero podem ser acompanhadas através de seus folhetos da literatura popular, aqui mais uma vez privilegiados como fontes singular que consegue dar visibilidade a sentimentos, valores, críticas e experiências de seguimentos da população, pouco percebidos em outros tipos de materiais o que ajuda a compreender o contexto sociocultural do período em estudo, o que valida a inserção destes textos como recursos nas aulas de História.

1.1 VIDA E OBRA DE CUÍCA DE SANTO AMARO

A nossa intenção aqui não é a de firmar uma única obra como adequada a ser utilizada como material didático nas aulas de história, tampouco menosprezar o trabalho e obra de diversos outros poetas da literatura de cordel, cujos trabalhos são referendados em inúmeros trabalhos acadêmicos. Reconhecemos e validamos a contribuição destes cordelistas, na construção do conhecimento e processo de letramento, principalmente no que concerne ao público que não tem o livre acesso a todos os outros meios de informação. No entanto, para este trabalho escolhemos uma análise sobre a vida e a obras do poeta de Cuíca de Santo Amaro.

A opção de trazer para essa análise as obras de Cuíca, está associada ao que vem afirmando (MATOS 1998).

Para já citada autora,

Embora criador bastante fecundo, Cuíca de Santo Amaro não enveredou por alguns dos gêneros mais tradicionais da literatura popular. Na sua vasta produção (de quase mil folhetos), não encontrei romances ou novelas, contos maravilhosos, os clássicos anti-heróis, a tradição religiosa, cantorias e pelejas. [...] sua produção abrangia a reportagem do dia-a-dia a notícia sensacionalista e a crítica política. (MATOS, 1998, p. 47).

Como venho afirmando esta pesquisa objetivou analisar o potencial desse gênero enquanto contribuição para o ensino-aprendizagem nas aulas de História, acreditando que através de uma análise interpretativa no sentido da compreensão das narrativas, o mesmo possa levar os alunos a criticidade, a partir do contexto histórico inserido nos textos de cordel. Reforçando essa tese, (CURRAN, 2001) observa que a maior influencia literária popular no cordel não vem dos contos de fadas ou dos romances de ficção, e sim da tradição histórica de épocas. Tornando por conta disso, a minha maior afinidade com a linha de escrita do referido poeta.

Considerando que o lugar social que o autor da obra literária ocupa constitui-se como um aspecto que não deve ser desprezado pelo historiador, apresentaremos aqui Cuíca de Santo Amaro. Este é um nome artístico usado por José Gomes, a criação deste nome surgiu pelas suas tantas viagens na juventude a Santo Amaro, cidade de recôncavo baiano. José Gomes é de Salvador, filho de pais separados acabou sendo criado por sua madrinha de batismo, como estudante teve como professores os Frades Capuchinos da Piedade, Cuíca não concluiu seus estudos.

Nasceu no dia 19 de março de 1907, dia consagrado a São José, que lhe ficou no nome, no n°. 16 da Rua Ferreira França, subdistrito de Santana, cidade do Salvador, filho, segundo seu registro civil, de Maria José Gomes e Emídio Tibúrcio Gomes [...] Desde os primeiros anos de vida após a separação dos seus pais, foi acolhido pela madrinha [...] A escolaridade inconclusa de José Gomes deu-se em recinto religioso, aluno que foi dos padres capuchinhos da piedade. (MATOS, 1998, p. 18).

Não se sabe ao certo quando José Gomes passou a chamar-se por apelido, pseudônimo ou nome de guerra, como reitera Matos (2007), Cuíca de Santo Amaro, Ele o Tal. Morreu sem revelar exatamente a primeira vez em que foi assim chamado, bem como a identidade do inventor/criador dessa marca com que o poeta ficaria conhecido e famoso no cenário da cultura das ruas da Bahia. Aos seus olhos não escapava um só fato que logo não fosse transformado em cordel. Como assegura Jorge Amado em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*: “até um folheto com versos de pé-quebrado foi composto pelo repentista Cuíca de Santo Amaro e vendido largamente”. (AMADO, 1912, p. 5).

Segundo Matos (1988), Cuíca começou a dedicar-se mais intensamente a produção cordelística a partir de 1935, quando Cuíca conhece D. Maria do Carmo Sampaio e a assume como a sua esposa, já que o compromisso com a família o leva a buscar novos caminhos para amenizar os problemas financeiros. Sendo esse o momento crucial do ingresso de um homem não letrado no mundo das letras, como profissional da literatura de cordel e a partir deste momento diversos folhetos foram produzidos pelo autor, que ao escrever sobre Getúlio Vargas, inicia a prática de uma escrita com preocupação em relação aos trabalhadores e a política.

Matos (2007) afirma que o cordelista foi retirado prematuramente da escola, pois sua madrinha precisava colocá-lo o mais cedo possível num trabalho produtivo. O tempo era de vacas magras. Assim, em plena adolescência, Cuíca teve seu primeiro emprego. Fora contratado pelo Sr. Artur Moura, gordo e afável lusitano, para trabalhar na Tinturaria Portuguesa.

Matos (1998) observa que Cuíca, apesar de ser classificado por muitos como uma figura iletrada e, portanto inculta, escrevia o cotidiano de vida da sociedade com a moral de quem conhecia a Bahia, seus becos e viela como ninguém. Sua arte de acordo com Matos (2007) chama atenção de todos, uma vez que Cuíca tinha o hábito de ler seus folhetos em voz alta, e consta que por algum tempo fez uso de um papagaio, tornando-se com isso centro de atração para a multidão que circulava pela Baixa do Sapateiro, mais precisamente diante do Café Astúrias, seu ponto fixo na região. Chegou mesmo a vender os folhetos mais pelo tipo que encarnava do que pelo enredo das histórias.

O poeta profissional não pode esperar pela glória. Tem que comprar a farinha, a carne de sol e o feijão. Ele se dedica ao “folheto”. Ao jornalismo, portanto. Dele viveu o famoso Cuíca de Santo Amaro, que deve ter publicado mais de mil e alcançou muita repercussão pela irreverência e pelo

caráter de imprensa amarela que dava a grande parte dos seus folhetos. (LESSA, 1973, p. 55).

Assim, as obras desse poeta são o resultado da sua vivência, observação e conhecimento dos problemas e anseios da população da sua época. E por ser Cuíca, figura tratada de forma preconceituosa por conta do seu nível social e intelectual, a habilidade com que compõe as suas obras nos mostram que o conhecimento absorvido e transmitido por qualquer classe social não deve ficar fora das discussões, inclusive das acadêmicas; nem tampouco serem desprezadas. Como observa Matos (1998), sobre a simplicidade na biografia de Cuíca e o seu percurso antes de se tornar o grande poeta popular. “Essa foi a criança que desde cedo teve uma história de vida extremamente marcada, principalmente no que diz respeito família e estudo”. (MATOS, 1998, p. 18).

Percebe-se que esse foi apenas o início de uma longa trajetória marcada por inúmeras dificuldades, mediante as quais, o poeta deve ter se tornado mais forte no enfrentamento aos próximos desafios que estavam por vir. Tanto antes quanto durante a sua carreira como poeta.

As suas duas experiências profissionais atuando como empregado foram na Tinturaria Portuguesa e depois como cobrador de bondes na companhia Linha Circular de Carris da Bahia. Não se adaptando a vida de empregado, e passando pela experiência de vendedor de miudezas, veio se tornar mais tarde no grande poeta popular da literatura de cordel. Recebendo título, na observação de Matos, (1998), de “a voz do povo trabalhador”. (MATOS, 1998, p. 35). Como sugere a referida autora:

Quando passardes, turista acostumado aos grandes e difíceis poetas de outros mundos, talvez Cuíca vos ofereça, por quatrocentos réis, um dos seus poemas. Não penseis que ele é apenas um tipo de rua, figura popular e risível. É bem mais que isso. É a voz do povo trabalhador (...). Os poetas estão nos bares inventando sonetos e rimas melindrosas ou quebrando a cabeça em ritmos novos para poemas exóticos. Só Cuíca de Santo Amaro canta para o povo pobre. Quando passardes por ele talvez a sua figura e a sua voz arranquem um sorriso dos vossos lábios civilizados. Mas, o que importa? O povo em torno não sorri do seu poeta. Ri e sofre com ele, combate e tem esperança! (MATOS, 1998, p. 35).

Cuíca de Santo Amaro foi assim descrito; em alguns momentos da sua carreira como profissional da Literatura de Cordel, considerado uma personagem controvertida; como afirma Machado, (2012), sobre o referido poeta.

A voz popular corre dizendo que a sua morte se deu em circunstâncias suspeitas, pois chegava a fazer um pouco de “imprensa marrom”. Publicava uma estória de algum fato desagradável para algum “figurão da sociedade”

e mostrava a edição ao maior interessado, para vende-la toda. Se esse não a adquirisse, então mercava-a pelas ruas, embora não contivesse os nomes das personagens. Mas o povo as identificava pelos indícios fortemente mostrados. Tinha essa coragem e, muitas vezes, incomodou políticos, comerciantes e poderosos, denunciando “marmeladas” e negociatas. Adotou a identificação de “Trovador Repórteres da Bahia”. Seus versos eram picantes, maliciosos e realistas. (MACHADO, 2012, p. 67).

Contudo, é caracterizado não simplesmente como mais um poeta, mas, sobretudo como o poeta de fácil acesso. Como a poesia é o seu único meio de sobrevivência, precisaria transformar ela no mais especial produto para os seus clientes. E é dessa forma, escrevendo e propagando de maneira atraente os fatos do cotidiano que Cuíca se relaciona com os problemas de vida do povo, e que se torna nesse sujeito tão acessível.

O fato de não precisar se preocupar com ritmos novos, nos permite compreender que a sua escrita é produzida a partir de tudo aquilo que ver e vive juntamente com os demais do seu meio social. Mecanismo que leva o sujeito (leitor e/ou ouvinte) sentir-se representado nas produções do poeta. E ainda; se Cuíca não importa a gozação dos lábios civilizados pode ser indícios, de que ele tem plena convicção do seu papel ao lado dos que, como diz (MATOS, 1998, p. 35); “com ele, combatem e tem esperança”. As perseguições policiais e o habeas corpus podem nos servir de testemunho tanto em relação a sua posição, de um sujeito que não foi imparcial, quanto no impacto que o mesmo, com os seus trabalhos causava na sociedade.

Cuíca de Santo Amaro foi o poeta de cordel recordista de registro de entrada policiais. Detido pela primeira vez em 1942, em frente ao Bar Astúrias, na Baixa dos Sapateiros, por causa do folheto “ABC da carestia”. Com sugestivo cartaz desenhado por Sinézio Alves, Cuíca foi conduzido pela polícia, onde ficou incomunicável por dois dias,(...) Necessitou, para maior tranquilidade na vendagem de seus folhetos, de um habeas corpus. (MATOS, 1998, p. 34-35).

O fato é que as produções poéticas escritas e propagadas por Cuíca eram, para o seu grande público de adeptos e fãs, um importante instrumento, os quais promoviam descobertas e reflexão acerca dos acontecimentos que faziam parte da sua história. Ao mesmo tempo em que as suas escritas provocavam a ira nos seus adversários. Sendo esses últimos, os responsáveis diretos pelos enfrentamentos que envolviam a polícia e o então cordelista; que de poeta passava a ser réu perante a justiça. Segundo Matos (1998), um Homem celebre na rampa do cais dos saveiros, a verdade é que Cuíca de Santo Amaro exerce importante função social.

Na versão da autora foi assim que ele se comportou, escrevendo seus livros de histórias, nome que era dado aos folhetos, que só depois passaram a ser conhecidos na Bahia como literatura de cordel. Transformando em poesia os mais variados temas, com ênfase para os fatos que de alguma forma se relacionavam aos descasos dos gestores públicos com a população.

Para Cuíca, a vida pulsava a cada momento, e isso é o que realmente importava. Ando à procura de seus rastros, amolando a tesoura para recortar uma espécie de silhueta, onde, aqui e ali, pequenos detalhes são ressaltados, (MATOS, 2007, p. 171).

A sua importante função social pode se caracterizar ainda, pelo fato de ter dois públicos alvos, um a quem a sua escrita se referia, “a elite”, e outro a quem ela se destinava, “a classe social menos assistida”. É dessa forma que compreendemos o trabalho artístico de Cuíca como algo intimamente ligado tanto a setores da cúpula administrativa quanto com a vida da população; principalmente das camadas sociais que se sentiam desrespeitadas pelas autoridades da época.

Como observa Oliveira (2011), o trabalho de Cuíca ficou conhecido por toda cidade de Salvador e a sua figura chega ser tema de jornal, a autora destaca que em dois tempos ele contava a história em versos. O fato é que, escrevendo o cotidiano através da literatura de cordel, Cuíca tanto afastou quanto atraiu, tanto foi odiado quanto aplaudido, tanto levou diversão quanto informação.

Fotografias, desenhos e caricaturas, publicados em jornais e revistas, evidenciam até hoje a inusitada performance de Cuíca, sobretudo quando chamava a atenção do povo para seus folhetos aos quais dava os títulos mais espalhafatosos que se conhecem na literatura de cordel, principalmente os de caráter satírico, em que explora e dissecava com viva e fecunda capacidade criadora os hábitos e costumes da Cidade, entre as décadas de 1940 e 1960, período áureo do cordel na Bahia. (MATOS, 2007, p. 183).

A repressão policial que o poeta era forçado a enfrentar permite-nos perceber que as suas obras caracterizavam-no como responsável direto por tornar público fatos e atos, que para as autoridades deveriam ficar ocultos ao conhecimento da população. Informações essas que eram levadas por Cuíca, através da sua arte poética, revelando atitudes de sujeitos influentes na história da sua época.

Para Oliveira (2011) o trabalho de Cuíca como cordelista ganha visibilidade quando, procurado por donos de lojas e começa escrevendo folhas volantes em versos para fazer propaganda dos produtos. Assumindo a partir daí a poesia como profissão. Posteriormente, pautando-se nos acontecimentos de ordem político-social, definindo tempo, lugar e público alvo, a poesia de Cuíca atingia de cheio

personagens ligados à política partidária. Ao mesmo tempo em que incentivava tanto a escrita quanto à leitura. Como afirma Lessa (1973) “o cordelista possuía como o objetivo compreender o que acontece no mundo”.

1.2 LITERATURA DE CORDEL: DIALOGANDO COM A HISTÓRIA

Com base na análise das produções de Cuíca, a partir das temáticas por ele abordadas, podemos dizer que o cordel inspira uma nova ótica sobre sujeitos, temas, fatos e práticas sociais e culturais. Silva (2007) observa que, a literatura de cordel pode também proporcionar esse diálogo texto e contexto social, por seus autores recorrerem aos fatos reais. Para além dessa visão, Guimarães (2013) sugere que toda literatura é um questionamento do mundo em que vivemos. Assim, vislumbramos a possibilidade de um diálogo entre o gênero literário e histórico.

Papel esse muito bem desempenhado por Cuíca, que embora considerado uma pessoa simples e sem possuir sequer aproximação com a língua culta, conseguiu registrar, entre as décadas de 1940 a 1960, através do Cordel, fatos, abordando acontecimentos do cotidiano de diversas populações, em especial da cidade de Salvador. Além do mais, a maioria das suas obras traz abordo relatos que de alguma forma tiveram relevância dentro dos aspectos políticos, econômicos e sociais da sua época. É sobre esse poeta que Matos, (1998) afirma:

É Cuíca quem ilustra os donos de vendolas e barracas, os mestres de saveiros e canoieiros, os vendedores de laranja e abacaxi, as baianas dos tabuleiros, sobre os acontecimentos que abalam a vida dos homens fora dos limites (extensos) do mundo da Rampa do Mercado. Tudo quanto acontece na Bahia e no mundo é tema para a poesia de Cuíca: assassinatos e roubos, vida cara, raptos românticos e tempestades que naufragaram saveiros. Seus folhetos, lidos em grupo são jornal e livro, informação e cultura, comentário social e econômico, ironia e crítica, poesia e panfleto. (MATOS, 1998, pp. 32-33).

Dessa forma, a Literatura de Cordel pode ser encarada, enquanto uma arte literária, que ao longo da sua existência pode assumir o papel tanto de contar quanto de contestar, de maneira simples e ao alcance de um número maior de pessoas.

Sua produção era realizada por pessoas simples, que muitas vezes sequer possuíam aproximação com a língua portuguesa formal, entretanto conseguiam registrar sentimentos, esperanças, temores, valores, forma de ver, pensar e sentir o mundo de um seguimento da população, que durante muito tempo, permaneceu à margem das produções historiográficas. (SILVA, 2007, p. 14).

Na visão de Lessa (1973), o cordel é um instrumento responsável tanto por informar quanto por formar cidadãos; onde o aprender abre caminhos para compreender. E é nesse sentido que o cordel se transforma em um aliado na compreensão da história.

Assim, Oliveira (2011) defende os folhetos populares em versos escritos por Cuíca ressaltando a sua importância como fontes de pesquisa, por neles está contido, poesia, história e ficção, conteúdos que trazem elementos revelando sua contemporaneidade, possibilitando leituras do contexto em que estão inseridos. Nessa percepção, a literatura de cordel na capacidade do seu autor busca transmitir aos leitores os acontecimentos que fazem parte do seu cotidiano, da sua época e posteriormente servindo como metodologia para transmissão do conhecimento histórico.

Sustentando essa tese, Cavalcanti (2007), afirma que, essa é uma linguagem que trás à luz de um contexto capaz de reunir: cultura, sociedade e história, dentro de uma realidade que tanto pode atrair como gerar afastamento. Cavalcanti (2007),

Burke (1992, p. 36) Os historiadores da cultura popular estão cada vez mais preocupados em descrever e analisar as mudanças das relações entre o erudito e o popular, “a intersecção da cultura popular e da cultura das pessoas educadas”.

2. CAPITULO II - LITERATURA DE CORDEL E ENSINO DE HISTÓRIA

Entendemos por recurso didático tudo aquilo que pode ser usado na sala de aula pelo professor para facilitar a aprendizagem dos alunos. A sociedade atual oferece uma diversidade de ferramentas ou recursos didáticos aos educadores, uma variedade de linguagens como cinema, TV, fotografia, música, jogos digitais, o jornal (impresso), revistas em quadrinhos e todo tipo de literatura, em prosa e verso. Dentre os tipos de linguagem literária, destacamos a literatura de cordel, objeto de análise do presente trabalho, que, a nosso ver, é muito pouco utilizada na sala de aula, mesmo no Nordeste. Apesar de possuir uma riqueza imensa, tanto poética quanto documental.

O ensino de História apresentou por muito tempo um grau elevado de tradicionalismo. Infelizmente a lousa, o giz e o livro didático, a “santa trindade” da prática tradicional, ainda compõem a realidade do ensino no país. Nesse quadro, o livro didático ganha um papel especial em virtude de ser o maior referencial de trabalho dos professores.

Apesar disso, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), nas últimas décadas, por diferentes razões, nota-se uma crescente preocupação dos professores da Educação Básica em acompanhar e participar do debate historiográfico, criando aproximações entre o conhecimento histórico e o saber histórico escolar. Reconhece-se que o conhecimento científico tem seus objetivos sociais e é reelaborado de diversas maneiras, para o conjunto da sociedade. Na escola, ele adquire, ainda, uma relevância específica quando é recriado para fins didáticos.

Seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), o avanço das comunicações foi exigindo mudanças nos métodos de ensino, porque os que então eram utilizados tornaram-se ultrapassados, contribuindo com os altos índices de evasão e repetência escolar. Muitas pesquisas, feitas por estudiosos da área com objetivo de reverter essa situação, mostraram que era fundamental que se fizessem mudanças na forma de ensinar, principalmente, no quesito do domínio da leitura e escrita pelos alunos.

Uma alternativa aos docentes é trabalhar com documentos em sala de aula; significa promover um ensino cuja finalidade é democratizar o processo de ensino-

aprendizagem, no sentido de que o conhecimento histórico não é algo pronto e acabado, mas uma construção edificada coletivamente em sala de aula.

Ora, História e Literatura são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos, e hoje se pode dizer que estão mais próximas do que nunca. (PASAVENTO, 2000, p. 32).

Segundo Sandra Pasavento (2000), as afinidades constituídas entre a história e a literatura são vistas como exercícios da imaginação no intuito de interrogar e produzir sentido sobre a realidade. A autora aponta que a história e a Literatura ganha o mesmo resultado: o da verossimilhança, pois o historiador reconstrói a temporalidade e a experiência do vivido, pelo esforço da imaginação, sendo a única diferença a ambição da história pela fidedignidade.

O cordel encanta, informa e, acima de tudo, ensina. Os conteúdos desses folhetos instruem o povo a partir da visão dos cordelistas. Os folhetos são documentos importantes para o professor usar nas aulas de História; devem ser explorados tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, com a perspectiva de discutir aspectos da sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, do cordel enquanto ferramenta possível para a sala de aula, Silva (2007, p. 25), sugere que:

Essa relação interdiscursiva entre o texto de cordel e a realidade fundamentada a concepção de ensino numa vertente contextualizada, que, associada à leitura dos folhetos, poderá contribuir para tornar a literatura popular motivadora e de cunho transformador para estudante de ensino médio, caso haja um trabalho voltado para a leitura da literatura de cordel de uma forma planejada e até mesmo descontraída. (SILVA, 2007, p. 25).

Ao longo dos anos o cordel foi utilizado como um meio no processo de alfabetização das camadas populares do interior do Brasil. Hoje o cordel ainda tem seu espaço nas escolas, no entanto seu uso foi ampliado e permite a utilização do recurso para a alfabetização dos alunos e para o melhor entendimento dos conteúdos escolares. Também é utilizado em momentos de descontração.

Os folhetos de cordel são um recurso interdisciplinar e o contexto no qual é escrito, evidencia a viabilidade do cordel como recurso no ensino de História. Nesse sentido, os “folhetos de acontecido” ou “folhetos de época” são os mais instigantes para os professores de História. Curran, (2001) assinala que os poemas de acontecido do cordel existem como crônica poética popular, de fato, documentando uma história popular que engloba cem anos da realidade brasileira.

Vivemos em um mundo em transformação. A velocidade da informação é constante o que leva a tornar-nos indivíduos inquietos, sempre buscando

acompanhar as inovações. Tal característica se reflete no universo escolar. Os alunos de hoje estão mais impacientes, as aulas tradicionais já não correspondem às suas necessidades.

[...] a Literatura e a História teriam o seu lugar, como formas ou modalidades discursivas que tem sempre como referência o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo. Ainda como desdobramento desta compreensão da História que a aproxima da Literatura, temos o entendimento de que ambas as narrativas realizam a configuração de um tempo. Seja este o que se passou, no caso da História, ou que poderia ter se passado, mas que realmente se passa, para a voz narrativa da Literatura, este tempo se constrói como uma nova temporalidade, nem presente nem passado, mas que ocupa o lugar do passado e, no caso da História, a ele se substitui. (PASAVENTO, 2000, p. 33).

Para Bittencourt (2004, p.71), “a sociedade brasileira tem-se caracterizado pela tradição da comunicação oral. A cultura oral era à base da comunicação de todo o período em que a escolarização e a cultura letrada constituíam privilegio de uma minoria da população”.

A autora afirma ainda que desde as décadas de 50 e 60 surgiram críticas e novas propostas sobre os objetivos e métodos de ensino. Tais críticas provinham de professores formados pelos cursos de História criados a partir de 1934, cursos esses responsáveis pela profissionalização de um corpo docente que também se iniciava pela relação entre ensino e pesquisa. (Bittencourt, 2004).

Desde a publicação dos PCN's, temas como ética e pluralidade cultural passaram a permear o ensino da disciplina, indicando mais uma mudança: se nos tempos idos o objetivo era fomentar a ideia de identidade nacional, ancorada na deturpação e romantização de acontecimentos, hoje o intuito é explorar as diferentes identidades que existem dentro de uma nação, tornando os alunos sabedores da diversidade cultural de sua época.

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (BRASIL, 1998, p. 15).

A proposta de História para o ensino fundamental trazida pelo PCN's apresenta reflexões amplas para estimular o debate da área. Objetiva levar os educadores a refletirem sobre a presença da História no currículo e a debaterem a contribuição do estudo da História na formação dos estudantes.

O cordel como crônica poética e história popular é a narração em versos do “poeta do povo” no seu meio, “o jornal do povo”. Trata-se de crônica popular porque expressa a cosmovisão das massas de origem nordestina e as

raízes do Nordeste na linguagem do povo. É história popular porque relata os eventos que fazem a história a partir de uma perspectiva popular. (CURRAN, 2000, p.20).

Devido à capacidade do cordelista ao produzir seus textos com base no contexto dos acontecimentos torna o gênero uma ferramenta útil para analisar a história, bem como metodologia dentro da sala de aula. A diversidade de temas e formas de expressão faz com que haja interação entre os alunos e a história.

Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles, continuidades e descontinuidades, conflitos e contradições sociais. (BRASIL, 1988).

Silva (2004), destaca que a importância do cordel consiste também no fato de ser uma ferramenta que contribui para o desenvolvimento da leitura entre os alunos. A autora observa ainda, que os professores de cada disciplina precisam agregar ao rol de variáveis que orientam seu trabalho mais uma: uma metodologia para o desenvolvimento da linguagem. Já os professores de História, especificamente, precisam estar comprometidos tanto em atingir objetivos que são próprios da sua disciplina, quanto com o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Os conteúdos escolares incluem, por exemplo, aprendizagens de novas linguagens, desde a norma culta da língua ao domínio do significado das imagens de revistas em quadrinhos, de propagandas ou de filmes. (BITTENCOURT, 2004, p.106).

No entanto, a proposta de utilização do cordel no ensino de História não descarta o livro didático. Antes de utilizar os folhetos nas aulas, é necessária uma introdução do conteúdo.

Ao se trabalhar com os folhetos de cordel sobre a Era Vargas, por exemplo, o professor pode primeiramente ministrar o conteúdo (geralmente incluído nos programas do 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio) com o livro didático, para depois fazer uso dos folhetos. (SILVA, 2004).

Desse modo, é importante o professor, a partir do tema relativo ao conteúdo programático que está trabalhando, fazer um levantamento dos folhetos que podem ser utilizados na sala de aula.

Outro ponto importante é o método a ser utilizado. O mais adequado ao se trabalhar com o cordel é a leitura coletiva, no qual os alunos realizariam a leitura dos folhetos em voz alta. Esse procedimento estimula a participação dos alunos nas aulas, sendo uma alternativa ao “modelo tradicional”, onde o professor era a “voz única” na sala.

Para Santos & Santos (2015), a leitura coletiva propicia a construção do conhecimento grupal, oportunizando assim um método lúdico de ensino-aprendizagem.

A literatura de cordel representa um recurso didático mais atrativo e mais dinâmico.

Na escola é necessário lembrar que as aulas devem ser motivadoras e não se podem constituir em textos de leituras que produza mais dificuldade do que interesse e curiosidade. O objetivo é favorecer sua exploração pelos alunos de maneira prazerosa e inteligível, sem causar muitos obstáculos iniciais. (BITTENCOURT, 2004, p. 330).

Reiteramos que não fazemos aqui um simples endeusamento aos folhetos de cordéis; ressaltamos que, como todo e qualquer tipo de fonte, o cordel não deve está imune a críticas. Pois só assim poderá ser entendido dentro do contexto em que foi produzido.

[...] seus poemas de acontecido são realmente memória, documento e registro de cem anos da história brasileira, recordado e reportado pelo cordelista, conselheiro do povo e historiador popular, criando uma crônica de sua época. (CURRAN, 2001, p.19.).

Além disso, Curran (2001), ainda reforça que os cordelistas, através da sua arte poética tratam de acontecimentos do dia-a-dia, e cumprindo a função de comunicação folclórico-popular o cordel vai reportando eventos de sua própria comunidade região, e de uma forma prazerosa esses escritores vão levando para o consumidor local, codificada as mensagens de uma cultura nacional de massa. É nessa perspectiva, que entendemos a sala de aula como sendo um meio social a se beneficiar com esse tipo de produção literária.

É claro que a nossa perspectiva visa uma seleção cuidadosa no que concerne a temática abordada no cordel; a preocupação é que esse tipo de aula não venha fazer com que o aluno veja a História como um tipo de saber livresco, onde não há reflexões sobre a necessidade de se saber História e como ela se constitui.

Nesse sentido, a escolha dos “folhetos de acontecido” contempla os objetivos expressos nos Parâmetros Curriculares Nacionais no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História para o quarto ciclo do ensino fundamental:

[...] são favorecidos os trabalhos com fontes documentais e com obras que contemplam conteúdos históricos. [...] O confronto de informações contidas em diversas fontes bibliográficas e documentais pode ser decisivo no processo de conquista da autonomia intelectual dos alunos. Pode favorecer situações para que expressem suas próprias compreensões e opiniões sobre os assuntos, investiguem outras possibilidades de explicação para os acontecimentos estudados. (BRASIL, 1988, p. 65).

Schmidt & Cainelli (2010), apontam que é necessário destacar que, do ponto de vista didático-pedagógico, só é relevante a aprendizagem que seja significativa para o próprio aluno. Tal fato pressupõe o trabalho com o conhecimento histórico em sala de aula particularmente em duas direções: na primeira, o conteúdo precisa ser desenvolvido na perspectiva de sua relação com a cultura experiencial dos alunos e com suas representações já construídas; na segunda para uma aprendizagem significativa, é necessário construir, em sala de aula, um ambiente de compartilhamento de saberes.

Em certo sentido, cada história que faz parte da crônica do cordel é ao mesmo tempo uma reportagem do evento, uma reação a ele, um julgamento e um comentário. O que resultava era, muitas vezes, um relato gostoso, revelador de uma geração e de uma reação a mudança. (CURRAN, 2001, p.48.).

Analisando assim o desenvolvimento no aluno da capacidade de interessar-se por outras sociedades é uma forma de sensibilizá-lo para as diferenças e evitar os inúmeros anacronismos que podem ser criados pelas ligações equivocadas entre o passado e o presente.

Essa conscientização é um meio de aprender a contextualizar determinadas situações da história e evitar analogias duvidosas.

Em uma perspectiva mais geral, trata-se de desenvolver a compreensão da alteridade, isto é, da empatia, do interesse e, ao mesmo tempo, de desenvolver o respeito por outros povos e outras civilizações, pois o interesse pelo outro também é uma forma de conhecer a si próprio. (SCHMIDT & CAINELLI, 2010, p.99).

É claro que aqui partimos do pressuposto de uma inserção da alteridade como objetivo educacional, que consista em uma convivência democrática na percepção de facilitar a diversidade étnica e cultural; uma vez que entendemos ser fundamental o desenvolvimento de novas atitudes na área pedagógica para o aprofundamento da interculturalidade de indivíduos que não são vivenciados através das atitudes mais comuns na relação ensino-aprendizagem.

2.1 DO POETA AO PROFESSOR: CORDEL E CONTEÚDO DIDÁTICO

No contexto atual o professor precisa atender às necessidades da sua formação profissional quanto do interesse do educando na busca da compreensão dos paradigmas de incertezas de que tudo o que fazemos e vivemos é relativo;

assim as práticas educativas deixam de ser cristalizadas e passam a ser dinâmicas retratando a verdadeira relação com a sociedade.

Santos & Santos (2015), defendem que a literatura de cordel pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica extraordinária, porque retrata a forma original, escrutinando a singularidade histórica nordestina.

Para Abreu (2004), o folheto é mais sucinto e direto, simplificando a estrutura dos períodos e privilegiando a ordem direta nas orações.

Ainda segundo a mesma autora (2004), As falas do narrador aproximam os folhetos de narrativas orais em que ele se encontra frente a frente com o público e pode interromper o relato para externar suas opiniões, assim como fazem os ouvintes. Desta forma, o lúdico predominará, no processo do conhecimento da História, permitindo a aprendizagem significativa.

Se levarmos em conta a trajetória da literatura de cordel, com um olhar voltado para a persistência dos seus autores no sentido de credenciar essa literatura, quase sempre produzida por pessoas, do ponto de vista acadêmico, inculta; logo observamos que apesar dos altos e baixos, esse gênero vem ganhado corpo em outros espaços da sociedade. Como interroga Machado, (2012).

Que literatura é esta, cujos temas são aproveitados pelo cinema, pelo teatro, pela música, televisão e até mesmo pelos poetas e escritores eruditos? O que é isso que está chamando a atenção de professores universitários e universidades do mundo todo, sendo sujeito de muitas teses de pós-graduação, de doutoramento, e de estudos, como na França, Estados Unidos, Japão, Rússia e outros países? (MACHADO, 2012, p. 19).

Para o referido autor, a imprensa escrita possibilitou a publicação rápida e a baixo custo de um enorme manancial de literatura oral conservado de memórias, por narradores ou cantadores. Ou seja, se por um lado o cordel se mantém vivo, graças também ao baixo custo da sua produção, esse mesmo fator pode ser um grande aliado para a sua ampliação e circulação em outros espaços.

Observações desse nível abrem precedentes para acreditarmos que os poetas são arquivos vivos; e nessa perspectiva, a literatura de cordel se torna numa fonte inesgotável com autenticidade para meios e públicos diversos. Inclusive nas aulas de História onde a formação acadêmica deve estar associada ao senso crítico. Para o qual o cordel pode ser uma ferramenta.

Em cada um dos textos que alguém escreve há sempre uma estabilidade e uma instabilidade. Pode-se compreender de uma maneira ou de outra, inventar um caminho que afaste, ao mesmo tempo, a ideia de que a história não seria mais que uma produção de ficção dentre outras (e não é porque a história utiliza as figuras e formas narrativas da ficção que não se define

como um conhecimento, um saber, e daí a vinculação possível entre a história como um saber crítico em uma dimensão cívica). (CHARTIER, 1999, p. 212).

Como afirma Lessa, (1973) sobre a facilidade com que os folhetos de cordéis ganhavam as ruas do Recife após rebuliço na política da década de 1950, que culminou com o suicídio do então presidente Getúlio Vargas.

Em três semanas, no Recife, Delarme Monteiro da Silva vendeu 40.000 exemplares de um folheto sobre a morte de Getúlio. O que vem provar que as nossas camadas mais humildes e mais incultas leem muito mais os autores que falam à sua sensibilidade, na sua linguagem, que as camadas de nível intelectual mais elevado aos seus autores. (LESSA, 1973, p. 16).

Isso mostra que há um anseio por informação, e, o processado de ensino-aprendizagem pode encontrar esse suporte também na literatura de cordel. Que embora muitas das vezes tenha como pano de fundo o mundo ficcional, não deixa de ser produzida a partir de algo concreto relacionado à nossa história. Para (LESSA, 1973, p. 30), “não há crime, desastre ou desgraça, pública ou privada, que não rebente logo num ou em muitos folhetos”.

Embora não seja exatamente o foco da nossa pesquisa, mas vale ressaltar que o gosto e habilidade que ligam o cordelista à sua arte poética não descartam questões de cunho econômico-sociais. Da mesma forma que também se relacionam com as estratégias existentes nas campanhas eleitorais.

Não ignorando a penetração dos poetas nas classes mais pobres, os políticos do Nordeste sempre se valeram do folheto para suas campanhas eleitorais. As campanhas de Agamenon Magalhães, José Américo, Otávio Mangabeira e muitos outros sempre tiveram a presença do trovador popular, espontânea ou não. Ademar, Jânio, Jango e Juscelino foram também grandes assuntos. (LESSA, 1973, p. 60).

Esses são assuntos debatidos em sala de aula enquanto conteúdos indispensáveis; dos quais, entre outros poetas, Cuíca de Santo Amaro também se utilizou para escrever a sua literatura de cordel. Como podemos observar na sua obra intitulada, “*A retumbante vitória de Jânio Quadros*”.

Em sessenta o eleitorado,
Com seu voto consciente,
Para que o Brasil,
Se tornasse independente,
Resolveu fazer do Jânio,
Seu legitimo presidente.

(p. 4)

Karcia Lúcia Oliveira Dias e Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque em *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, afirmam que:

As informações contidas nos folhetos de cordel são de grande importância para a memória do povo. Além de transmitir relatos históricos para o leitor que aprecia este tipo de literatura o cordel é um suporte simples e de fácil acesso para todos, sem distinção de nível escolar ou financeiro. (DIAS & ALBUQUERQUE, 2014).

Percebe-se assim que, a literatura de cordel não deve ser descartada tanto enquanto uma representação cultural quanto fonte historiográfica; uma vez que no seu enredo proposto tanto encontramos os relatos inerentes as questões sociais quanto à história do cotidiano; de forma que possibilita estudar os sujeitos que marcaram o seu espaço social nos mais diversos contextos histórico.

Porém, vale ressaltar aqui que a circulação do cordel não caminha de modo equiparado com a sua aceitação, uma vez que, principalmente a comunidade denominada ou auto reconhecida “intelectual” nem sempre consegue considerar nesse gênero o valor da sua contribuição historiográfica.

Segundo Magalhães,(2015)

Para tratar de temas populares como o Cangaço, a política local, os costumes sociais do povo nordestino, as secas do sertão ou Histórias de ocasião, bem como pela sua linguagem coloquial e acessível ao pouco escolarizado, essa arte, ao longo da sua trajetória, sofreu muito preconceito por parte de alguns setores da sociedade, principalmente o intelectual. (MAGALHÃES, 2015, p. 09).

Contudo, é inegável que as vozes do cordel, dentro dessa trajetória tenham sido responsáveis por tornar conhecido através das suas narrativas, fatos reais de uma forma que a classe dita “cultura” jamais traria a tona. Para Luís Fernando Cerri (2011).

As formas pelas quais as narrativas são usadas (e não apenas feitas) vão demonstrar a incorporação de determinados padrões normativos da consciência histórica, e não se trata de uma narrativa qualquer, mas de narrativas que se referem a processos reais (e não fictícios), que tenham por objetivo e finalidade o estabelecimento de uma “moral da história” uma conclusão necessária (mesmo que subjacente) que oriente/justifique a ação dos sujeitos, tanto na história narrada quanto na história vivida no presente. (CERRI, 2011, p. 49).

José Ênio Casalecchi (2002), em *O Brasil de 1945 ao Golpe Militar*, mostra como a crise política levou a uma tomada de decisão por parte das classes sociais, na aurora da década de 60.

Procurando fortalecer o seu contato direto com as massas, a UNE começa a encenar peças em portas de fábricas, favelas, sindicatos, associações de bairros; ocasião em que se distribuía textos das séries *cadernos do povo*

e violão de Rua (Poesia). Promovia também curso de teatro, cinema e, através da UNE-volante, realizava excursões para as capitais com o objetivo de ampliar a ação da entidade junto aos Operários e camponeses nas diferentes regiões do país. (CASALECCHI, 2002, p. 104).

Sobre esse mesmo período, em *A retumbante vitória de Jânio Quadros*, Cuíca de Santo Amaro, poeticamente relata nos seguintes termos,

O povo compreendeu,
Que era hora de mudar,
Quem vivia a sofrer,
Quem vivia a penar,
Com a arma do voto,
Resolveu a se vingar.

(p. 6)

O que podemos constatar aqui é que esse gênero literário, para além da dinâmica das rimas, também fornecer condições de análises contribuindo como documentos de época pertencentes a um determinado contexto histórico. Para Bittencourt (2004), essas são abordagens que embora complexas merecem ser introduzidas e debatidas pelo professor de História.

2.2 EXPLIQUE, MAS NÃO COMPLIQUE: CORDEL, INOVAR É PRECISO

Os profissionais da educação e a escola, enquanto instituição responsável pelo processo de ensino-aprendizagem, ao longo da sua trajetória, se debruçam sobre o problema tanto da evasão escolar, quanto do desinteresse discente, principalmente no que concerne às aulas de História. Do muito que já se tentou e do pouco que já foi possível descobrir uma coisa é certa: a História ensinada da forma tradicional tem sido encarada por um grande público como chata e chegando muitas das vezes ser interpretada como desnecessária.

A rejeição de muitos alunos em estudar história pode não ser somente uma displicência com os estudos ou uma falta de habilidade com essa matéria, mas um confronto de concepções muito distintas sobre o tempo, que não encontram nenhum ponto de contato com o tempo histórico tal como aparece na narrativa de caráter quase biográfico das nações ou da humanidade. (CERRI, 2011, p.17).

Talvez ninguém tenha a receita pronta para solucionar os problemas e inquietações dos docentes no ensino de História, mas, indiscutivelmente: “Inovar é preciso”, o professor deve buscar formar dinâmicas e participativas buscando a

compreensão do alunado por meio da aproximação à sua realidade. E entre uma rima e outra, nas entrelinhas dos seus cordéis os poetas driblam muitos adversários, transmitindo de maneira dinâmica uma mensagem crítica inerente à história real, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem. *A retumbante vitória de Jânio Quadros*, Cuíca de Santo Amaro:

O povo que vivia,
 Nas garras da opressão,
 Aguardou tranquilamente,
 O dia da eleição,
 Para votar em Jânio,
 Candidato da oposição.

(p. 6)

A obra cordelística ressalta a realidade política da época, que pode ser confirmada quando, José Ênio Casalecchi (2002), assegura que Jânio Quadros ao assumir o poder em Janeiro de 1961, encontra naquela ocasião, o déficit nada agradável de balanço de pagamentos, o que revela a ansiedade do povo, narrada no cordel. O Autor afirma ainda que Jânio prometera ser “duro, duríssimo”, na condução da política econômica recessiva, proposta que sanaria a opressão narrada pelo cordelista.

O poeta trás a luz do conhecimento, de forma clara e coesa, narrando fatos históricos de forma simples e real, aproximando a realidade e ampliando a compreensão destes fatos, e assim, atuando de forma eficiente enquanto metodologia do ensino de história.

Partindo do pressuposto que se trata de um sujeito que escreveu mediante o seu conhecimento e postura frente ao momento turbulento que antecedeu o golpe civil militar não há como negar que a sua literatura enfoca a história de forma dinâmica para o contexto reflexivo. Possibilitando esse dialogo entre a história que passa e os seus vestígios que permanecem.

Para Cerri (2011).

Lembrar ou esquecer os dilaceramentos da nação realizados sob as ditaduras militares não é, ao contrario do que poderia parecer, escolher entre passado e futuro, mas sim escolher entre distintas articulações de passado, presente e futuro. O passado não está a salvo das intenções do presente de dar tal ou qual dignificado ao tempo, aos personagens históricos, à nação. O presente- bem como o futuro- depende de um passado relativamente móvel, que possa ser relido. (CERRI, 2011, p. 11-12).

Nesse sentido toda reprodução ganha significado como a reinvenção de um passado que se insere no novo. Partindo desse pressuposto, a História enquanto disciplina promotora de conhecimento deve ser entendida enquanto instrumento que tanto envolve indivíduo no sentido singular quanto toda uma coletividades em função do tempo; no qual o espaço educacional também está inserido.

Para Bittencourt, (2004):

[...] uma “boa” didática tem por objetivo fundamental evitar o distanciamento entre a produção científica e o que deve ser ensinado, além de criar instrumentos metodológicos para transpor o conhecimento científico para a escola da forma mais adequada possível. (BITTENCOURT, 2004, p. 36).

A esse conceito de adequação não faz mal acrescentarmos o de agradável. Uma vez que o quadro atual vem visivelmente mostrando a necessidade de se rever método de ensino; como ressalta Bittencourt, (2004), visando atender aos problemas levantados e utilizar a potencialidade das experiências dos alunos e seu conhecimento do senso comum. Como assevera Bittencourt:

Os métodos de ensino são destacados como elementos decorrentes de uma concepção de história associada a uma concepção de aprendizagem, e disso advém a apresentação dos limites do uso dos livros didáticos como instrumentos pedagógicos exclusivos e a necessidade de recorrer a documentos portadores de outras linguagens, sendo comuns as sugestões de utilização da literatura, de textos de jornais, das imagens, música etc. nas aulas de história. (BITTENCOURT, 2004, p. 117).

Para tanto, vale o que sugere a mesma autora; o profissional da educação não deve abrir mão da à ideia de que, seja preciso sempre inventar a roda. Ou seja, se a história não é linear, as aulas precisam ser dinamizadas constantemente.

Claro que a nessa pesquisa não tem, nem deveria ter por objetivo apresentar o poeta como um profissional da educação; mas, nada que impeça a contribuição que nos parece útil entre essa literatura popular e a sala de aula de História.

Como artisticamente cúica se refere ao sistema de governo parlamentarista que sucedeu a posse do presidente Jango Goulart na véspera do golpe civil militar.

Parlamentarismo é uma coisa,
Que vos digo sem rodeio,
Dentro da constituição,
Vos digo sem receio,
Para um presidente,
É uma espécie de freio.

É nessa trilha histórica que Caio Navarro de Toledo (1982), assegura que:

O Congresso Nacional, expressando o sentimento geral dos setores democráticos e populares, negava-se, no primeiro momento, a transigir com os golpistas. Contudo, os dois grandes partidos conservadores (UND e PSD) articulavam, desde as primeiras horas da crise, a chamada “solução de compromisso”: a emenda constitucional que instituía o regime parlamentarista no país. (TOLEDO, 1982, p. 18).

Nesse contexto também podemos referendar a literatura como uma eficácia ferramenta de dialogo e contextualização da história. Como assegura Casalecchi, (2002), sobre os gêneros que estiveram imbuídos no processo histórico das décadas de 1940- 60.

A poesia e a prosa de ficção, entre 1945 e 1964, pautavam-se pela mesma efervescência e criatividade das outras manifestações culturais. Deve-se ressaltar a existência de um “novo sistema cultural”, nos anos posteriores a 1930, que acompanha o conjunto das transformações econômicas, sociais e políticas até aqui examinado. (CASALECCHI, 2002, p. 91).

CAPITULO III – ANÁLISE HISTÓRICA POR MEIO DA LITERATURA POPULAR: O CORDEL DE CUÍCA

Ao longo dessa pesquisa temos nos dedicado à análise do elo que possibilita o diálogo entre a literatura e a história; e em especial a literatura de cordel, como um possível recurso para contextualizar a História na sala de aula.

Reservamos este capítulo para percebermos a aproximação da obra intitulada “*Embromadores do povo*”, produção do poeta que encabeça a nossa pesquisa (Cuíca de Santo Amaro), com o contexto da política partidária; na qual o poeta dá ênfase aos desmandos dos que detém o poder e a alienação dos seus subordinados.

Para um poeta que se dedicou a produzir a partir da sua vivencia, juntamente com os demais do seu meio social, como foi o caso do baiano, Cuíca de Santo Amaro; não é de estranhar que tenha encontrado as suas principais fontes nos acontecimentos inerentes à política. Espaço aonde tudo indica que Cuíca acreditava está contido, tanto as raízes da opressão quanto os instrumentos de libertação.

Como assevera Matos, (1998), “Cuíca em 1958, candidatou-se pelo PTB a vereador, sendo o penúltimo colocado com 39 votos”. (MATOS, 1998, p. 28). No folheto que explica os motivos da sua candidatura Cuíca versa o seguinte:

Agora se os meus amigos,
Quiserem me eleger,
Na câmara municipal,
Muita gente há de ver,
Que a pamonha,
Ali tem que derreter.

Talvez, essa vivencia no meio político tenha contribuído para Cuíca em muitas das suas produções fazer a discussão alertando para os fatos que no campo partidário influenciam nas decisões do eleitorado e na conduta dos seus representantes. Analisemos a fala do poeta quando o mesmo se dirige aos políticos desonestos e aos eleitores despolitizados.

Diz ele,

Porque muitos candidatos,
Tem o seu nome sufragado,

Não é por causa do partido,
 Nem o seu associado,
 É por causa do voto!
 O voto que é comprado.

(p. 2)

Vejamos ai Cuíca instigando a sociedade para uma reflexão acerca das questões que tanto se aplicam às estratégicas usadas pelos maus políticos quanto a consciência e/ou a falta dessa na construção de um projeto de nação. Para ele, o capital é responsável pelos votos dos políticos que não conseguem ser aprovados pelos seus feitos.

Ao apontar o voto como mercadoria exposto a venda o poeta ataca um problema crônico que tanto se relaciona à desonestidade entre os beneficiários da política como está inserido na falta de consciência da grande massa desassistida. Ou seja, é o cordel, na voz autentica do poeta mostrando a política como um instrumento capaz tanto de contribuir quanto de destruir as bases de uma sociedade. A esse trecho do cordel podemos associar um termo bem atual: corruptos e corrompidos.

Em outra expressão do poeta podemos perceber claramente a relação que o mesmo faz entre educação e consciência; a expressão “o maior analfabeto que tiver nesta cidade” abre caminhos para as discussões acerca dos problemas educacionais e a estreita relação entre formação acadêmica e formação política.

Vejamos o que ele diz,

O maior analfabeto,
 Que tiver nesta cidade,
 Principalmente quem,
 Não tiver mentalidade,
 Mas sabe que isto é,
 A expressão da verdade.

(p. 3)

Não há como questionar que os políticos, de fato, buscam encontrar suas principais vítimas nas camadas sociais que menos tiveram acesso aos meios educacionais. São esses que em primeira mão o poeta busca instruir para o exercício da tomada de consciência política, usando essa, (consciência) como

instrumento de defesa contra tais desmandos e as inverdades dos seus eleitos e/ou pretendentes.

O termo “o maior analfabeto que tiver nesta cidade” associado à falta conhecimentos apresenta o analfabetismo não unicamente como um problema para uma população desassistida pelos seus representantes, mas, sobretudo como uma porta de acesso por onde entram e se perpetuam no poder a grande gama dos maus administradores, que o poeta chega estimar em “90%. Dos quais, segundo ele, a Bahia está contaminada”. O termo “meus senhores” talvez ironicamente, seja abordado com o objetivo de dar mais uma ênfase a falta de credibilidade nos que exibem os seus discursos em campanhas eleitorais e apenas voltam quando se aproximam novas eleições.

Analisemos o que diz o poeta,

Porque noventa por cento,
Destes maus senhores,
Aqui na Bahia,
Como sabem os feitores,
Não passam como se diz,
De exímios embromadores.

(p. 4)

Nessa expressão Cuíca chama a atenção da sociedade para a grande responsabilidade na escolha dos seus representantes. O poeta parece apontar para a quase total falta de confiança em relação aos gestores públicos, delimitando um percentual de apenas 10% de chance para a população escolher bem entre os candidatos propostos. Nessa percepção, o direito de votar torna-se uma arma, que uma vez usada de maneira errada pode se voltar contra o seu próprio dono. Sendo a consciência política o fator principal capaz de fazer a diferença.

Quando Cuíca traz a atuação dos legisladores eleitos pelo povo, mostra como os mesmos estão com os seus mandatos voltados apenas para coisas banais e/ou questões pessoais. Mostrando claramente o desvio de função por parte desses; que exercem mandatos como representantes da população.

Como afirma o poeta,

Só se houve no plenário,

Somente coisas banais,
 Chingamentos e etc.
 E discussões pessoais,
 Saliva, muita saliva,
 Saliva e nada mais.

(p. 5)

Dessa vez Cuíca volta a abordar problemas que estão originados claramente na irresponsabilidade do poder legislativo e que se configuram exclusivamente no momento em que os legisladores usam dos seus palanques com o intuito de resolverem as indiferenças pessoais. Para o poeta, coisas banais ocupam o espaço constituído para debater questões e causas que afetam a vida da população. Mais uma vez a literatura de cordel dialoga com a história trazendo instituições, personagens e os problemas relacionados ao cotidiano. Nada mais nada menos, são discussões indispensáveis aos conteúdos debatidos em sala de aula.

Vejamos:

Nunca se viu no plenário,
 Se debater um problema,
 Para tirar o povo,
 De tão triste dilema,
 Que é a fome que rói,
 Como se fosse postema.

(p. 5)

Dessa vez o poeta vem abordar o triste dilema da fome, como um problema social enfrentado pela população, mas sempre com origem nas entranhas da política e dos políticos que ocupam cargos, mas, que no exercício dos mesmos não assumem compromissos. Ao associar a política com algo capaz de tirar o povo de “tão triste dilema”, Cuíca não deixa de mais uma vez reconhecer essa, (política) como sendo uma ferramenta eficaz. Porém ele reprova os seus condutores e a forma como os mesmos, utilizando-se do poder não cumprem as funções para as quais foram eleitos.

Trilhando e escrevendo essa trajetória, o poeta associa carestia, fome, déficit habitacional, entre outros problemas à falta de compromisso dos gestores.

Mostrando claramente o seu lugar social ocupado e a causa a qual defende. Talvez um dos fatores pelo qual Cuíca se Santo Amaro seja considerado “a voz do povo trabalhador”. (MATOS, 1998, p. 35).

Aqui percebemos claramente o poeta trabalhando a Literatura de Cordel trazendo para o espaço de reflexão, os fatos que merecem atenção e discussão na sociedade. Observemos que nas varias expressões, o seu Cordel aborda questões relacionadas, sobretudo às temáticas políticas e econômicas. Sendo exatamente por conta dessas abordagens que a atividade de Cuíca entra para a história como uma ameaça para a elite.

Talvez explique o que aborda Matos (1998), sobre as tantas vezes que a policia decretou a prisão do poeta por conta dos seus escritos.

É possível que a repressão não se relacione simplesmente pela poesia; mas, pela linha trabalhada por Cuíca; onde a sua voz poética de fato torna-se muito incomodante. Marcando-o como um sujeito social atuante, através da forma como se dirigia aos que naquele momento se beneficiavam ou se tornavam vítimas dos efeitos da administração publica.

Como ele mesmo deixa claro, “que a falta de uma discussão eficiente por parte do legislativo vai desembocar direto no âmbito da falta de políticas de cunho sociais”.

Vejamos,

Nunca se viu no plenário,
 Nem sequer uma discussão,
 Para tirar o povo,
 De tão horrorosa aflição,
 Que é aquele problema,
 O tal da habitação.

(p. 5)

Nessa perspectiva Cuíca aborda problemas sociais que tanto são antigos quanto recentes e atuais na vida da população: (fome e habitação). Neste trecho da sua obra o autor traça um dialogo claramente de indignação mediante a ausência de projetos capazes de resolver os problemas sociais que segundo ele geram “uma aflição”. Ao tempo em que mostra os legisladores, de posse dos seus mandatos, fazendo vistas grossas para as questões enfrentadas pelas bases populares.

A frase “tão horrorosa aflição” fazendo referencia ao déficit habitacional aponta esse, como sendo um dos graves problemas, entre os muitos dos que atingem os baianos. O autor ao classificar, pelas entrelinhas da sua poesia, a moradia, como uma das questões decisivas para a qualidade de vida, aponta para os anseios de uma população que ao eleger os seus representantes espera dos mesmos um tratamento digno. Embora convivam esses com a desilusão, por não verem os seus problemas resolvidos.

Na fala do autor que se segue é mencionada uma população frustrada, mas que continua participando ativamente com as suas reivindicações enquanto cidadãos de direitos.

Observemos o texto,

Quero: o povo diz,
Aqui dentro da Bahia,
É que os seus representantes,
Deixem de demagogia,
E tratem de debater,
O problema da carestia.

(p. 6)

O “quero” mostra uma população que não só espera; mas reivindica da política e dos políticos uma solução para os problemas enfrentados no dia a dia. Nesta fala os políticos baianos são convocados pela população para prestarem contas dos seus referidos mandatos.

Lembremos que, Cuíca de Santo Amaro, está ele mesmo inserido como parte dessa grande massa. Uma das coisas que o torna diferente é o fato de ser conhecedor tanto dos problemas quanto as lamentações. E se ainda assim, se torna nesse sujeito tão notável, podemos associar a acessibilidade e simplicidade; além do fato de conseguir transformar tudo isso em poesia junto aos seus. Matos (1998).

O poeta, de fato mostra ter plena convicção do significado da política tanto para os eleitos quanto para os eleitores. Na sua fala fica explícito que os eleitos não cumprem com os seus deveres. Mas isso não lhe omite de incentivar para que o povo faça das suas reivindicações a arma na luta pelos seus direitos.

Observemos,

É preciso deixar,

De tantas embromações,
 É preciso dar ao povo,
 As suas reivindicações,
 Lembrem-se os candidatos,
 Que se aproximam as eleições.
 (p. 6)

Vejamos como é forte a expressão do autor e como a mesma está intimamente ligada tanto à trajetória de reivindicações e lutas dos que sofrem quanto com as propostas demagógicas presentes na politicagem praticada pelos políticos sem compromisso com a população.

Novamente Cuíca volta falar a palavra “embromadores” referindo-se a política representada pelos eleitos que não cumprem o seu papel enquanto representantes do povo. Ao tempo em que tanto alerta tais políticos em relação às dificuldades para possíveis novos mandatos, como apresenta para o eleitorado as reais possibilidades de o voto servir como ferramenta eficaz para promoção de direitos e transformações sociais.

3.1 HISTÓRIA: ENTRE AS CAUSAS QUE OPRIMEM E À LÍNGUA FERINA DO POETA

Para reafirmar a importância e o valor do voto, Cuíca, destemidamente aborda a dependência dos políticos; ao tempo em que dá ênfase para a falta de perspectiva dos eleitores. E ainda traz para o campo de discussão uma das frequentes estratégias da politicagem, marcada pelo vínculo de clientelismo.

Segundo José Murilo de Carvalho (1997), o conceito de clientelismo seria um atributo variável de sistemas políticos e podem conter maior ou menor dose de clientelismo entre atores políticos.

Como podemos observar, a fala que segue vem alertar exatamente para a velha prática, onde em vésperas de eleições os candidatos aparecem, os eleitores os acolhem, traçam relações à base de favores e tornam-se estranhos, até que se aproximem os próximos pleitos eleitorais.

As relações clientelistas, nesse caso, dispensam a presença do coronel, pois ela se dá entre o governo, ou políticos, e setores pobres da população. Deputados trocam votos por empregos ou serviços públicos [...] À medida que os chefes políticos locais perdem a capacidade de controlar os votos da

população, eles deixam de serem parceiros interessantes para o governo, que passa a tratar com os eleitores, transferindo para estes a relação clientelista. (CARVALHO, 1997, p. 03).

Sobre essa prática, Cuíca versa, mostrando como a relação entre candidatos e povo acontece de forma oportuna em vésperas de eleições.

O termo “está chegando a hora” já diz muito, para compreendermos o mecanismo usado com o objetivo de confundir a massa esquecida.

Como aborda o poeta,

Está chegando a hora,
De muitos dos meus senhores,
Candidatos a deputados,
Ou a vereadores,
Andarem como cachorro,
Atrás dos eleitores.
(p. 7)

Ao referir-se às relações existentes entre os candidatos e os setores carentes da população, onde o contato direto acontece apenas pela simples busca do voto, Cuíca chama a atenção para as práticas que José Murilo de Carvalho chamou de clientelismo.

Carvalho (1997) observa que o clientelismo de modo geral, indica um tipo de relação entre atores políticos que “envolve concessões de benefícios públicos, na forma de empregos, benefícios fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto”. (CARVALHO, 1997, p. 03).

Como podemos observar na fala do autor, a sociedade está minada por agentes, que a frente de pleitos eleitorais, distribuem na forma de favor os benefícios que a população deveria receber enquanto direitos garantidos. Práticas que inúmeras das vezes, Cuíca lançando mão da sua habilidade artística apresenta como sendo um artifício eleitoreiro.

Quando Cuíca diz através da sua rima, “que está chegada a hora de muitos dos meus senhores andarem atrás dos eleitores”, mostra que nessa fase os candidatos são os dependentes; mesmo que isso tenha efeito somente antes da sua

vitória nas urnas. Exatamente o que a história tem mostrado de mais concreto quando o que está em jogo é a disputa por poder.

Nessa perspectiva Cuíca traz a tona, talvez problemas mais que complexos do âmbito eleitoral: a obrigatoriedade do voto e a falta de credibilidade tanto na política quanto nos políticos, fato que por sua vez desemboca na corrupção dos dois lados.

Sobre isso vejamos a posição do poeta,

Muita gente vai votar,
 Pois a isso é obrigado,
 Mais digo com certeza,
 A quem anda mascarado,
 Poucos serão reeleitos,
 A vereadores ou deputados.

(p. 8)

Nessa fala o poeta chama a atenção para uma problemática que ainda hoje é debatido em muitos ambientes: sobre a obrigatoriedade do voto. Vejamos que na frase “Muita gente vai votar, Pois a isso é obrigado” cai por terra o que se ouve em relação ao voto como sendo algo facultativo. Nessa versão Cuíca apresenta uma história com um povo desrespeitado pelos seus legítimos representantes, desiludido em relação à política partidária e oprimido pelas leis que lhes impõe sanções no caso de não está em conforme com a justiça eleitoral.

E essa possibilidade de diálogo entre a literatura de cordel com os mais diversos campos do conhecimento fica ainda mais claro quando Mark Curran (2001), caracterizando o Cordel como uma rica fonte histórica, acessível principalmente nos meios populares, afirma a sua penetração e as mais variadas funções desempenhadas tanto pela poesia quanto pelo seu autor. Sobre esse gênero literário Curran (2001) ressalta que:

Seus poemas de acontecidos são realmente memória, documentos e registros de uns cem anos da História brasileira, recordados e reportados pelo cordelista, que além de poeta é jornalista, conselheiro do povo e historiador popular, criando uma crônica da sua época. (CURRAN, 2001, p. 19).

Nessa fala, o artista da Literatura de Cordel atua nas mais diversificadas áreas da informação, denúncia, reflexão e orientação, dando vida, voz e sentido à história. Levando o Cordel a cumprir sua função tanto de informar quanto de

denunciar. Veículo de comunicação inserida normalmente nos meios populares por relatar os eventos que fazem a história a partir de uma perspectiva inclusive de uma linguagem popular. Podendo, segundo Curran (2001), o seu autor ser considerado um historiador.

Esse título, Matos (1998), assegurou a Cuíca de Santo Amaro; e talvez não somente pelo fato de transformar os fatos do cotidiano em poesias, mas, sobretudo pelas características desse poeta. Ele que se informava, contextualizava e distribuía informações tornando a história mais acessível, tanto quanto mais agradável e compreensível.

Vejamos que na fala que segue, Cuíca chega ir ao extremo. Porém, nem assim deixa de levar informações e instigar a população para uma reflexão acerca do que de fato acontece no seio da política partidária. Vejamos na fala do poeta,

Porque se o eleitor tiver,
Vergonha e sentimento,
Toma todo dinheiro,
De todo mau elemento,
E dará o seu voto,
A quem tiver merecimento.

(p. 8)

Nessa fala percebe-se um excessivo exagero por parte do poeta; uma vez que o termo “vergonha” poderia muito bem ser substituído por “consciência”. Da mesma forma que “toma todo dinheiro”; vai de encontro ao termo “reivindicações” que o autor expressou anteriormente. De qualquer forma, o que está colocado por Cuíca, é que, existem dois lados e duas forças opostas: povo e governo, (exploradores e explorados).

Por último Cuíca mostra uma sociedade corrompida, onde a falta de crédito em tal sistema inferioriza tanto o voto quanto o eleitorado.

No verso “se o eleitor tiver vergonha e sentimento, toma todo dinheiro, de todo mau elemento, e dará o seu voto a quem tiver merecimento”, o poeta trás para o contexto reflexivo a falta de compromisso dos maus políticos em conexão com a ausência da consciência por parte do eleitorado, mostrando uma população mutuamente corrupta ou corrompida. Onde uma classe usa de práticas ilícitas para

se perpetuar no poder e a outra se corrompe permanecendo fora tanto do poder quanto dos seus direitos e dos padrões de honestidade.

Ressaltamos aqui, que segundo os dados coletados nesta pesquisa os cordelistas, enquanto pessoas preocupadas pela disseminação dos fatos marcantes, tornam-se dessa forma através dessa arte literária responsáveis pelos registros de uma época em que vivem e/ou escrevem.

Segundo a revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação,

Os fatos reais podem até apresentar divergência nas narrativas em que os poetas populares desenvolvem a sua cultura, porém, isso nada mais é do que a preocupação dos cordelistas com uma maneira mais simples e objetiva para que qualquer usuário compreenda o acontecido. Pois, seja a partir de uma notícia de jornal, um documentário ou uma imagem, tudo isso é História, sendo o cordel uma modalidade artística literária eficiente na preservação dessas memórias. (KARCIA LÚCIA OLIVEIRA DIAS E MARIA ELIZABETH BALTAR CARNEIRO DE ALBUQUERQUE). *“Aconteceu virou cordel”*.

Ressaltamos que para o historiador Gilmaro Brito, (2009), pesquisador de folhetos de cordel, “ainda hoje essa literatura se constitui uma fonte de memória, lembranças, informações, registro escrito, referência de ensino, além de veiculação de mensagens religiosas”. (BRITO, 2009, p. 49).

Assim, podemos compreender que o cordel, enquanto, produção literária dentro do seu contexto artístico, tem sido utilizado como uma ferramenta viável para escrever sobre os mais variados temas inseparáveis da vida e da história. Sendo esse suporte através do qual o povo tem acesso à informação.

Dessa forma o poeta se insere na condição de interlocutor entre Literatura, história e população; já que o mesmo interage com outros suportes informacionais e meios de comunicação para descrever em forma de versos o fato acontecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em estudos que fundamentam o diálogo entre literatura e história, focando as nossas atenções para a contextualização da história inserida na arte cordelística, realizamos essa pesquisa analisando o cordel enquanto ferramenta possível para ajudar nos trabalhos de professores (as) no que concerne o ensino-aprendizagem do seu público nas aulas de História.

Para tanto selecionamos como fontes obras do poeta baiano José Gomes (Cuíca de Santo Amaro), que como ressalta Sinara Carneiro de Oliveira (2010), com uma linguagem bastante direta, escrevia contra políticos, homens corruptos; conseguia com facilidade ser irônico e também contraditório, mas escrevia com prazer aquilo que presenciara ou que ouvira dizer que despertasse curiosidade de seu leitor.

Assim, as suas produções traziam na sua essência conteúdos centrados na forma como se desenvolveu as políticas nacionais e a repercussão dessas, na vida e na condição social da população entre as décadas 1940-60.

Vale ressaltar que antes de realizar este trabalho já possuía certa vivência com a literatura de cordel, na condição de alguém que, como tantos outros, tenho também registrado a vida pelas entrelinhas dessa arte literária. Porém, afirmo que só depois dessa experiência foi possível a confirmação da eficácia dessas produções ao lado dos conteúdos a serem trabalhados nas aulas de História.

Claro que não estamos validando o cordel como salvação ou a única forma de dinamizar o ensino em sala de aula; mas fica claro que em determinados momentos é possível utiliza-lo como meio tanto de informação como de formação e divertimento. Podendo inclusive levar o aluno se perceber não apenas na condição de sujeito que precisa de conhecimento; mas como cidadão que valoriza a sua cultura.

Contudo, este trabalho pauta-se pela ideia de reforçar a literatura de Cordel como uma fonte para compreensão da história, capaz de permitir compreender pelos discursos artístico-literários de uma época, a história no seu contexto político social e econômico. Podendo levar alunos (as) de aulas de História ao gosto de ler além do texto escrito e ganhar uma formação crítica que possa leva-los perceber as situações históricas e tentar encontrar não apenas significados, mas, sobretudo caminhos que lhes proporcionem novos horizontes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Então se forma a história bonita**: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. Horizontes antropológicos. [online], vol.10, n.22, p. 205, 2004.

AMADO, Jorge **A morte e a morte de Quincas Berro D'água**: romance / Jorge Amado; [capa e ilustrações de Floriano Teixeira]. – 93ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2006.

ALEXANDRE, Edivania da Silva. **O mundo está as avessas** Relações, tensões e enfrentamentos religiosos nos folhetos de Leandro Gomes de Barros. Dissertação (pós-graduação) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas-UFBA (2007).

ASSIS, Carlos Alberto Cavalcante. **A atualidade da Literatura de Cordel**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, fevereiro de 2007.

BAHIA. **Antologia Baiana de Literatura de Cordel**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: história. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004-Coleção docência em formação.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales** (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.

BURKE, Peter. **Abertura; a nova história, seu passado e seu futuro**. In: BURKE, Peter (org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p. 7-37.

CARNEIRO, Sinara de Oliveira. **“Mas o Brasil não parou, continua batalhando”**: **As construções de discursos e imagens da política nacional nos folhetos populares baianos (195-1980)**. Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XIV Conceição do Coité-Ba 2010.

_____. **Folhetos populares de Cuíca de Santo Amaro: Crítica Política e Sociedade em versos**. Anais eletrônicos- VI Encontro Estadual de História-ANPUH/BA-2013.

CERRI, Luís Fernandes. **Ensino de história e consciência histórica** Rio de Janeiro: Editora FGV, 201.

CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Afonso M.(org). **A história contada: Capítulos de História social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **Culturas Escrita, Literatura e História: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. – Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001. Conferência proferida por Roger Chartier, em 5 de novembro de 1999, no Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Topoi, Rio de Janeiro, nº 1,

CURRAN, Mark **História do Brasil em Cordel (2001)**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 19, n. 41, p.1-22, set./dez., 2014. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2014v19n41p1.

Ensino de História. Artigo apresentado ao curso de História da UNEB campus XIV. Conceição do Coité 2012.

FARIAS, A. S. e ALVES, J. H. P. **Literatura de cordel: novos temas, novos leitores**. In: VI Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2009.

GUIMARÃES, Leonardo Leite. **De Euclides a Varga Llosa: Um estudo sobre as representações de Antônio Conselheiro na Literatura**. Universidade do Estado da Bahia – UNEB Departamento de Ciências Humanas – Campus V Santo Antônio de Jesus. Programa de pós-graduação em História regional e local 2013.

LIMA, Edimária Oliveira Souza. **Vestígios no Tempo: Escravidão e Liberdade em Conceição do Coité (2012)**.

MACHADO, Franklin. **O que é Cordel na literatura popular** <https://macfeira.wordpress.com/2012/06/10/2706-19h-lancamento-o-que-e-cordel-na-literatura-popular/>

MATOS, Edilene. **Cuíca, o tal: notícias de um boquirroto**, Goiânia, v. 5, n.1, p. 169-186, jan./jun. 2007

MATOS, Edilene. Ele, **o Tal Cuíca de Santo Amaro**: 2º edição revista e ampliada- (1998).

MOREIRA, Gilmário Brito. **Imagens religiosas literárias e iconográficas em folhetos de Leandro Gomes de Barros**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-AMPUH Campus. São Paulo, Julho 2011.

Murilo José de Carvalho **Mandonismo, Coronelismo Clientelismo: Uma Discussão Conceitual** Dados vol. 40 no. 2 Rio de Janeiro 1997. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2009.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo** / Andrea Semprini; tradução Laureano Pelegrin. - - Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SILVA Josafá dos Santos. **Literatura de Cordel como recurso no ensino de História**. Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XIV Conceição do Coité-Ba 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes 2000.